

MAR
GEM
ES
QUER
DA

REVISTA DA BOITEMPO

39 2º SEMESTRE, 2022



Copyright © Boitempo, 2022
Margem Esquerda – revista da Boitempo n. 39

Direção geral
Ivana Jinkings

Editor
Artur Renzo

Assistência editorial
João Cândido Maia

Editor de imagens
Francisco Klinger Carvalho

Editor de poesia
Flávio Wolf de Aguiar

Preparação
Mônica Rodrigues dos Santos

Revisão
Daniel Aurélio

Capa
Artur Renzo e Natasha Weissenborn

Imagens da capa e miolo
José Spaniol

*Sonhos de outubro, 2019 (capa); Tiamm Schuoomm Cash!, 2016 (quarta capa);
O descanso da sala, 2006/2014 (capas internas); Ascensões, parlatório e firmamento, 2010 (p. 6);
Mirante, 1997 (p. 29, 30 e 55); Apneia, 2016 (p. 31 e 43); Era só uma bela frase, 1993 (p. 37);
Comidas, 2006 (p. 42); Biblioteca e balanças, 1999 (p. 49); O descanso da sala, 2006/2014 (p. 56);
Tímpano, 2009 (p. 142); Bamp Uuoom Wawa!, 2015 (p. 160)*

Projeto gráfico e diagramação
Antonio Kehl

Coordenação de produção
Lívia Campos

Impressão e acabamento
Rettec

ISSN 1678-7684
número 39: setembro de 2022

É vedada a reprodução de qualquer parte
desta revista sem a expressa autorização da editora.

BOITEMPO
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373 – Sumarezinho
CEP 05442-000 São Paulo – SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3872-7285
editor@boitempoeditorial.com.br
boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

Sumário

Apresentação	9
ARTUR RENZO	
ENTREVISTA	
Marly Vianna	11
FERNANDO GARCIA DE FARIA e AUGUSTO BUONICORE	
DOSSIÊ: CAPITALISMO, IMPERIALISMO E GUERRA NA UCRÂNIA	
Subsídios para entender a guerra na Ucrânia.....	31
ANGELO SEGRILLO	
A Otan e a frente russa	37
JOÃO QUARTIM DE MORAES	
Ucrânia: a nova face do imperialismo.....	43
ALEX CALLINICOS	
Vitória da Rússia na guerra econômica?.....	49
TOMASZ KONICZ	
ARTIGOS	
Dependência de trajetória, Ucrânia e guerra nuclear.....	57
DAVID HARVEY	
Dinâmica de escalada e fragmentação global: a luta pela Ucrânia	66
MARCOS BARREIRA	
A solidão indígena no mundo-inferno da Amazônia.....	82
MARIA ORLANDA PINASSI e ISABELLA DI GUASTALLA	
Há um novo ciclo progressista na América Latina?.....	96
GILBERTO MARINGONI	

Revolução microeletrônica e crise do capitalismo: uma leitura dos teóricos da inteligência artificial	106
MAURILIO LIMA BOTELHO	
Antes que seja tarde demais: de Junho a outubro	122
PAULO EDUARDO ARANTES	
DOCUMENTO	
O centenário	139
ASTROJILDO PEREIRA	
HOMENAGEM	
Para sempre, Carmen!	143
DOUGLAS RODRIGUES BARROS	
RESENHA	
Ao perdedor, as bananas	147
MARCELO RIDENTI	
NOTAS DE LEITURA	
Crítica à subjetividade jurídica: reflexões a partir de Michel Villey	152
LEONARDO GODOY DRIGO	
A volta do Estado planejador: neoliberalismo em xeque	153
FLÁVIO ROCHA	
POESIA	
Maya Angelou	156
FLÁVIO AGUIAR	
A Rocha brada para nós hoje ou No pulsar da manhã.....	157
MAYA ANGELOU	

Dependência de trajetória, Ucrânia e guerra nuclear*

DAVID HARVEY

Neste artigo, retorno à situação na Ucrânia¹ para refletir sobre como a guerra em curso parece estar bastante entrincheirada e propensa a uma perigosa dinâmica de escalonamento. Para tanto, quero trazer uma ideia presente em muitas das ciências sociais e, na verdade, nas ciências em geral, a saber: o conceito de dependência de trajetória. Existem algumas contribuições interessantes da dependência de trajetória, particularmente em relação à Primeira Guerra Mundial. Nesse sentido, o caminho até essa guerra teria sido construído por atos isolados e por um ultimato, fazendo com que a eclosão real da guerra resultasse de um erro. Eu acho que isso é muito importante reconhecer logo de início: erros podem acontecer. O erro nesse caso foi o ultimato dado à Grã-Bretanha em uma sexta-feira à noite. O Secretário dos Negócios Estrangeiros, Lorde Gray, tinha o hábito de se recolher às sextas-feiras para sua propriedade em algum lugar na Ánglia Oriental, não cuidando de nada até segunda de manhã. Desse modo, quando veio o ultimato, ele não teve como respondê-lo com a devida imediaticidade. O prazo do ultimato expirou e, assim, a

* Traduzido do inglês por Luiz Felipe Osório e Artur Renzo. (N. E.)

¹ As coisas evoluíram consideravelmente desde a última vez que toquei neste assunto na comunicação preparada para o Encontro Anual da Associação de Geógrafos Estadunidenses no final de fevereiro de 2022. Ver "Remarks on Recent Events in the Ukraine: A Provisional Statement", Verso Blog, 28 fev. 2022.

Primeira Guerra Mundial estourou, para grande surpresa de Gray ao voltar ao escritório na segunda-feira pela manhã.

É algo dessa ordem, simples assim, que temos diante de nós. Citei alguns exemplos mais adiante, mas, no caso da Ucrânia, há uma certa base para Putin fazer o que está fazendo. Não importa o que se pense dele, há que se tentar imaginar como o mundo parece de sua perspectiva para entendermos qual posição tomar a fim de chegarmos ao objetivo final desejado por todos: neutralizar a possibilidade de algum conflito bélico mais direto entre Otan e Rússia. Um confronto entre essas duas potências militares provavelmente levaria a algum uso nuclear, e, caso haja um conflito nuclear, a situação ficará realmente grave. Quase todas as outras questões sociais e ambientais, com as quais podemos nos preocupar, seriam completamente obliteradas em um confronto nuclear. Essas são as nossas circunstâncias atuais: se não agirmos com extrema cautela, a trajetória que pode nos levar a um resultado catastrófico desses já está dada. Portanto, este é um momento em que as pessoas devem estar alertas para o que pode vir a acontecer. Há que se estar atento para as maneiras de lidar com esse tipo de impasse e temos que entender que nessas situações as pessoas blefam. Há que se saber quando blefar. A questão torna-se um pouco como um jogo de pôquer, mas, como em qualquer jogo de pôquer, a arte é saber quando desistir e quando sair de determinado caminho que parece estar levando a algo prejudicial, como uma destruição mutuamente assegurada, conceito que ancora praticamente todo planejamento e capacidade nuclear.

A maneira como a Otan respondeu ao colapso da Guerra Fria instaurou um problema sério na região, já identificado à época, tendo sido reconhecido desde então. O *New York Times* inclusive publicou um artigo de opinião de Tom Friedman sustentando que a resolução dada na década de 1990 não foi nada boa². E naquela época o próprio George Kennan, que foi o grande arquiteto de uma espécie de política de contenção do pós-guerra contra o comunismo (portanto mais do que insuspeito), não conseguia entender por que a resposta ao colapso da Guerra Fria tinha sido a expansão da Otan ao invés de um movimento no sentido de torná-la uma organização irrelevante. Ainda nos anos noventa, ele anunciava o seguinte:

² Thomas L. Friedman, "This Is Putin's War. But America and NATO Aren't Innocent Bystanders", *The New York Times*, 22 fev. 2020.

Creio que será o início de uma nova guerra fria. Penso que os russos vão gradualmente agir de maneira um tanto adversa e isso não afetará suas políticas. É um erro trágico, no meu entendimento. Não havia qualquer motivo para isso. Ninguém estava ameaçando ninguém. Essa expansão faria os pais fundadores deste país revirarem em suas covas. É claro que haverá uma reação ruim por parte da Rússia, e [os defensores da expansão da Otan] vão alegar que eles sempre nos disseram que os russos eram assim – mas isso é simplesmente equivocado.³

Com isso, armou-se portanto o seguinte cenário. Até o colapso da Guerra Fria, a Europa central estivera sob controle soviético. Com a retirada das tropas, a região ficou livre para se juntar ao sistema internacional, e foi sendo absorvida gradualmente pela dinâmica da Europa ocidental, o que significou a ampliação da Otan para a Polônia, para a Hungria e para outros países. Assim, pouco a pouco, a Otan expandiu-se até as fronteiras da Rússia, vislumbrando agregar também, mais recentemente, a Ucrânia e a Geórgia. Agora, considere isso do ponto de vista de Putin: o Ocidente vem se aproximando cada vez mais das fronteiras da Rússia. Esse tipo de ameaça tem um precedente histórico. Por isso, vale a pena retomar algo que ocorreu sessenta anos atrás.

Em outubro de 1962, eu estava em uma grande manifestação política no coração da cidade de Bristol, na Inglaterra. Era uma mobilização organizada pela CND, a Campanha pelo Desarmamento Nuclear por ocasião da Crise dos Mísseis em Cuba. Kennedy havia sido subitamente informado de que os soviéticos estavam de fato se movimentando para instalar mísseis em Cuba com capacidade para atacar os Estados Unidos. Descobriu-se depois que os serviços dos Estados Unidos estavam muito mal-informados e que nem mesmo a CIA tinha conhecimento suficiente sobre o assunto; eles não sabiam que naquela época *já havia* mísseis em Cuba e que já havia presença militar soviética muito substancial de soldados e de capacidade bélica na ilha. Na verdade, a inteligência estadunidense era tão ruim que Kennedy mal sabia qual era a situação de fato, mas ele tinha de adivinhar e a ideia era que os russos iam montar uma capacidade nuclear hostil em Cuba. E isso era um *isso* era um anátema nos Estados Unidos. Algumas revelações posteriores sugerem que muitos oficiais do Estado queriam que houvesse

³ George Kennan, citado em Thomas L. Friedman, “Foreign Affairs; Now a Word From X”, *The New York Times*, 2 maio 1998.

um confronto nuclear imediato para já eliminar a Rússia de uma vez. Kennedy, por sorte, não deu ouvidos a essa posição. Mas a questão toda girou em torno de tentar negociar uma saída para aquele impasse. E descobriu-se, enfim, que o caso tinha um paralelo: havia mísseis dos Estados Unidos instalados na Turquia, na fronteira sul da URSS. Em determinado momento Kennedy se deu conta de que o que Khrushchov estava fazendo em Cuba era, na verdade, a mesma coisa que os Estados Unidos vinham fazendo na Turquia. Foi isso que permitiu negociar a saída da crise basicamente prometendo retirar os mísseis da Turquia na condição de que Khrushchov retirasse os mísseis de Cuba.

Em abril de 1963, os mísseis estadunidenses desapareceram da Turquia sem nenhum alarde. Nada disso foi muito publicizado à época porque Kennedy estava próximo do final de seu mandato e aquilo podia ter sido lido como um gesto apaziguador impopular, mas foi assim que a Crise dos Mísseis em Cuba se resolveu. O ponto importante foi entender o que estava por trás das ações de Khrushchov em Cuba. Em outras palavras, se os Estados Unidos estavam colocando mísseis nas fronteiras da Rússia, então por que a Rússia não deveria colocar mísseis nas fronteiras estadunidenses? Essa consciência foi fundamental para poder negociar a saída da crise⁴.

A doutrina nuclear estadunidense remonta aos anos de Eisenhower, atravessa a Crise dos Mísseis e, o que é mais assustador, se prolonga até o presente. Em outras palavras, algo desse tipo poderia ocorrer com a Coreia do Norte, com a Rússia e com o Iraque, assim como com a Ucrânia. Quem demonstra isso de maneira fascinante é Daniel Ellsberg, em um livro recente sobre os bastidores da política nuclear estadunidense⁵. Ellsberg foi consultor de planejamento do Pentágono e em determinado momento de seu livro conta que ele perguntou aos presentes quantas pessoas morreriam em uma contenda nuclear daquele tipo, caso a crise de 1962 tivesse dado errado e fosse deflagrada a destruição mutuamente assegurada. Foram destrinchando o raciocínio passo a passo e a resposta é que a previsão era de cerca

4 Para uma análise detalhada recente sobre o assunto, recomendo a leitura de Martin Sherwin *Gambling with Armageddon: Nuclear Roulette from Hiroshima to the Cuban Missile Crisis, 1945-1962* (Nova York, Vintage Books, 2022).

5 Daniel Ellsberg, *The Doomsday Machine: Confessions of a Nuclear War Planner* (Nova York, Bloomsbury, 2017). Recomendo vivamente a conversa, disponível online, entre Noam Chomsky e o autor no debate de lançamento do livro realizado na Universidade do Arizona em abril de 2018, com mediação de Betsy Reed, do *The Intercept*.

de um bilhão de pessoas. É algo da ordem do impensável, mas era uma possibilidade real, pois essa era a postura nuclear dos Estados Unidos à época – e é a postura que permanece até hoje. Se houver qualquer sinal de uso de armas nucleares, os Estados Unidos estão preparados para destruir todas as cidades da Rússia e todas aquelas cidades na China. É disso que trata a doutrina. Se ela vai se realizar ou não, claro, depende muito do presidente em exercício. Mas tudo isso pode também ser facilmente desencadeado por um erro qualquer.

Para piorar, além na cifra inimaginável de mortos, há ainda a questão do inverno nuclear, que há alguns anos as pessoas começaram a reconhecer que atividades atômicas desse tipo provocariam⁶. Se forem bombardeadas cem cidades na China e todas as principais cidades do sul da Rússia, haverá muitos detritos na atmosfera. O cálculo era de que tais detritos levariam cerca de dez anos para desaparecer. Durante uma década, a agricultura no planeta Terra seria praticamente inviável. Então, o inverno nuclear que levaria cerca de dez anos para se dissipar quase certamente significaria fome em massa, de modo que não estamos falando de muito mais de um bilhão de pessoas mortas diretamente da catástrofe nuclear, mas que a maioria da população mundial morreria de fome em dez anos porque não seria possível cultivar nenhuma plantação. Ou seja, o problema atual da obtenção do trigo da Ucrânia e da Rússia para os mercados mundiais é um problema menor se comparado ao fato de que nenhum trigo poderia ser cultivado praticamente em parte alguma se houver esse inverno nuclear. Esse cálculo é muito real.

Temos, portanto, os Estados Unidos sentados em cima de uma doutrina de destruição mutuamente assegurada (preparados para bombardear qualquer um, sendo que eles reivindicaram para si mesmos o direito de primeiro ataque), tentando entender o que está acontecendo ao redor do mundo. Agora, existem nove países com capacidade

⁶ Abro um parêntese para contar uma história interessante sobre o inverno nuclear. Ocorre que ninguém menos que Lorde Byron foi morar em Genebra, em 1816, e se juntou aos Shelleys – Percy e Mary. Naquele verão, em Genebra, choveu o tempo todo. As pessoas quase nunca viram o sol. Ninguém sabia o que estava acontecendo e foi nesse verão que Mary Shelley escreveu *Frankenstein*. Sabe-se que eles estavam sentados ao redor de uma fogueira no meio do inverno, reclamando do frio e da chuva durante o verão, e a causa alegada foi a erupção de um vulcão na Indonésia, chamado Tombarro, ou algo assim, que, ao explodir, jogou tanta fuligem e lixo na atmosfera que a radiação do sol não conseguia entrar. Isso é o inverso do aquecimento global. No aquecimento global, o calor é retido dentro dos gases, mas, nesse caso, as partículas na atmosfera da explosão do vulcão causaram um gigantesco problema no inverno.

nuclear. Qualquer um deles pode deflagrar algo dessa ordem, sendo que o mais perigoso é, claro, Israel. O país ameaçou eliminar o Irã se os persas obtiverem poderio atômico. Contudo, aqui está o mais interessante: quem toma essa decisão? Ellsberg aponta que não é o presidente que controla o botão nuclear porque, no caso de um ataque contra Washington, ele estaria morto. Não faz sentido que somente uma única pessoa tenha o poder de apertar o botão nuclear – muito menos o presidente, que, provavelmente, seria o primeiro alvo. Logo, se delega isso em algum bunker escondido em Omaha. Mas esse local pode estar comprometido por algum motivo, de modo que se faz necessário delegar a autoridade a mais outra instância. E assim por diante até que isso pode muito bem acabar em algum homem dirigindo um carro velho com uma caixa preta com o disparador, caso todas as outras instâncias falhem. Portanto, são cem pessoas com o poder de apertar esse botão e qualquer uma delas pode acabar disparando um ataque nuclear por acidente.

Vejamos o que realmente está acontecendo na Ucrânia hoje. O país foi invadido e os ucranianos resistem muito ferozmente, o que provavelmente foi uma surpresa para a Rússia. Eles arranjaram armamentos: primeiro lança-mísseis portáteis, depois outras armas antitanques, e agora eles querem tanques, artilharia, aviões, mísseis de longo alcance e assim por diante, de modo que já começa a aparecer aqui o tema da dependência de trajetória. Toda vez que o presidente da Ucrânia aparece falando da necessidade de mais armamentos deste e daquele tipo, a situação vai se escalando. A Rússia, por conseguinte, acompanha a escalada com novas ações e armamentos: os russos estão começando a usar mísseis de submarinos no Mar Negro, aumentando a tensão a todo tempo. Putin não descartou a possibilidade de usar uma arma nuclear tática.

Os Estados Unidos dizem que não estão considerando essa hipótese. No entanto, nesse ponto, tanto Ellsberg quanto Noam Chomsky, além de mim, compartilham a compreensão de que quando os EUA dizem que não estão fazendo nada não se deve acreditar neles, porque eles sempre estiveram fazendo algo e agora, provavelmente, estão preparando todos os tipos de possibilidades para um ataque nuclear. Acredito, ainda, que eles estão realmente empenhados nisso, além de estarem também desenvolvendo mais inteligência à medida que possivelmente se conhece e mapeia cada vez mais a capacidade nuclear russa. Não se sabe até que ponto as informações deles são precisas, até porque já vimos muita pisada na jaca por parte da inteligência

dos Estados Unidos e da CIA. Portanto, temos que ter muito cuidado com esse tipo de perspectiva.

Não acredito que os Estados Unidos estejam sendo passivos nesse quesito. Eles provavelmente estão enviando sinais muito fortes para a Rússia dizendo que estão preparados para contra-atacar em caso de uso tático de arma nuclear. Ora, que diabos é uma arma nuclear de uso tático? Quando uma arma desse tipo é apenas tática e não simplesmente nuclear? Na minha opinião trata-se de um arma nuclear, e ponto final. Há certamente diferentes tipos de armas atômicas, mas a partir do momento que começa haver uma troca nuclear serão empregadas as mais efetivas para eliminar as bases de lançamento do inimigo. Essa análise e motivação estão realmente começando a me incomodar sobre a maneira como a crise está caminhando para um confronto nuclear, a menos que sejamos muito cuidadosos.

Os Estados Unidos continuam repetindo que não querem que a Otan se envolva, mas o que diz Lloyd Austin, o general que é o Secretário de Defesa, é que o objetivo dos EUA era minar a capacidade militar russa a tal ponto de ela não ser mais um problema político ou bélico para o confronto nas próximas décadas. Em outras palavras, a situação é a seguinte. A Ucrânia e os ucranianos estão lutando por suas vidas, e, sim, eles querem todo o equipamento, todas as armas que puderem obter. Os Estados Unidos estão fornecendo esses equipamentos e recursos, no valor de 40 bilhões de dólares. Mas repare: eles deram 10 bilhões de dólares para a Ucrânia e 30 bilhões de dólares para fabricantes de armas nos Estados Unidos para que estes fornecessem armas para a Ucrânia. Ou seja, esses 40 bilhões de dólares não vão para a Ucrânia diretamente, uma vez que a maior parte fica no país e é enviada para todos os fabricantes ansiosos para que todos esse armamentos sejam rapidamente utilizados. Em primeiro lugar, eles, em geral, não sabem como as armas funcionam na prática; na guerra, então, é sempre bom poder testá-las. Em segundo lugar, é ótimo que esse material esteja sendo consumido porque, assim, eles podem fabricar mais e ganhar mais dinheiro com isso. Portanto, o complexo militar-industrial vai muito bem obrigado, e o plano apresentado por Austin segue seu curso. O mais assustador de tudo é que o EUA estão efetivamente *usando* a Ucrânia, não porque amam o país ou seu povo, mas porque ela é uma oportunidade de minar a capacidade militar russa.

Agora, veja a semelhança aqui entre nossa situação atual e o que aconteceu na Crise dos Mísseis em Cuba. Khrushchov estava furioso porque os Estados Unidos estavam colocando mísseis contra sua fronteira.

Putin está furioso porque a Otan está fechando o cerco cada vez mais – e ele sabe muito bem, por experiência própria, que a Otan não é uma organização defensiva, ao contrário, trata-se de uma organização ofensiva que parte para o ataque como fez, por exemplo, na Guerra dos Balcãs. Basta lembrar o que a Otan fez no bombardeio da Sérvia e logo fica claro seu caráter intervencionista. Trata-se de tentar reestruturar o mundo à sua maneira, e a Otan, hoje, controla toda a Europa central.

Aqui chegamos a uma discussão geopolítica insana. Havia um homem chamado Halford Mackinder, um professor de geografia da Universidade de Oxford e que de louco infelizmente não tinha nada. No ano de 1942 ele estava escrevendo sobre estratégia geopolítica em nível global e sua tese era de que quem controla a Europa central controla a chamada “ilha mundial”, ou seja, toda a esfera eurasiana, e quem controla a ilha mundial controla o mundo. Em outras palavras, o controle do mundo depende de quem está controlando o coração do sistema (*heartland*), e o coração está na Europa central.

Os soviéticos controlavam o *heartland* durante todo o período da Guerra Fria. Agora, é o Ocidente, na da Otan, apoiada pelos EUA, que controla o *heartland*, o qual está ameaçando todo o controle da massa eurasiana. Essa é a forma como pensam as pessoas como Lloyd Austin e os militares. Eu cheguei a ter uma cátedra em Oxford chamada de cátedra Mackinder de Geografia. Por um lado, pensava que o Halford Mackinder estaria se revirando em seu túmulo se soubesse que um marxista ocupava a cátedra em seu nome. Por outro eu também estava extremamente envergonhado de ter um título desses, porque ele era um sujeito que ensinava esse tipo de bobagem geopolítica – e isso é muito sério porque se as pessoas acreditam e trabalham com base nesse tipo de ideia, produz-se um problema muito concreto.

Nos anos vinte, um geopolítico alemão chamado Karl Haushofer realmente acreditava nisso e grande parte da expansão da Alemanha na Europa oriental e na área da Europa central se deu precisamente em função de políticas do tipo pensadas por Mackinder. Nessa década, o general Haushofer estava escrevendo sobre o *Lebensraum*, sobre como o Estado alemão precisava desse “espaço vital” para efetivamente controlar toda a Europa central, e a partir desse controle da Europa central, organizar o globo em sua estratégia de dominação mundial – e Hitler parece ter comprado esse discurso, pois era o que estava acontecendo naquele momento.

Na minha visão, estamos à beira de um conflito entre a Otan e a Rússia. Na verdade, há uma guerra por procuração sendo travada

na Ucrânia. Os Estados Unidos gostam de se apresentar como um país “do bem” que está simplesmente agindo conforme o nobre e digno objetivo de responder ao desejo dos ucranianos de controlar seu próprio espaço, de ter sua própria nação e cultura. Eu discordo: acredito que os EUA estão usando a Ucrânia com o intuito nefasto de tentar degradar a capacidade militar russa para assim avançar a missão de dominação ocidental de grande parte do mundo. É claro que, agora, a situação já não é mais só brincar com a Rússia e com todos os seus mísseis, mas também com a China e seu grande poderio militar. E, na China, eles também pensam geopoliticamente nos termos acima desenvolvidos. A China está efetivamente avançando uma estratégia geopolítica por meio de sua iniciativa de nova Rota da Seda, tentando apenas recuperar algum tipo de controle do que Mackinder chamou de ilha mundial.

Esse é o caminho que está sendo trilhado e a dependência de trajetória desse encadeamento de eventos está me deixando muito apreensivo. Me incomoda o fato de que todo mundo parece colocar esse conflito na Ucrânia de lado, como se ele não representasse um perigo. Mas há, sim, um perigo bastante claro e é fundamental chegar a algum compromisso, a algum ponto em que se opta por recuar em vez de insistir no confronto. Quando iremos admitir que isso já foi longe demais e que a situação é muito perigosa?

Quando iremos realmente reconhecer que, independentemente do que se pense dele, Putin tem sim uma razão genuína para temer o que a Otan representa e vem fazendo? Uma das respostas que eu acho que deveria estar na agenda é a completa desmilitarização e desnuclearização de toda a Europa central, o que me parece ser a única coisa que poderia realmente trazer Putin para a mesa de negociação. Oferecer algo dessa natureza: transformar toda a região central da Europa numa zona neutra para que ninguém possa dominar a chamada ilha mundial.

É desse tipo de pensamento que precisamos hoje. Foi esse tipo de raciocínio que nos salvou na Crise dos Mísseis em Cuba. Em 1962 estivemos realmente à beira da catástrofe, e havia muita gente tomando péssimas decisões. Estamos mais perto disso agora na Ucrânia e muitas pessoas estão tomando decisões muito ruins por lá, incluindo o Secretário de Defesa, que fez aquela declaração muito infeliz. Embora eu esteja feliz por ele ter dito isso, porque nos dá uma visão sobre qual é a verdadeira motivação dos Estados Unidos em enviar 40 bilhões de dólares para a Ucrânia, dos quais 30 bilhões voltam direto para os bolsos do complexo industrial militar.